

NAVEGANDO RUMO AO HIPERURÂNIO NA COMPANHIA DE PLATÃO

Adriana Rosa Majola¹

Resumo: Platão apresenta a primeira exploração e demonstração da existência de uma realidade suprassensível e transcendente, com o intuito de tentar resolver o problema da geração e corrupção do ser e procurar a verdadeira causa das coisas: é a concepção original de uma estrutura hierárquica do real. No que ele chamou de segunda navegação, com o uso da dialética, reconhece a existência de dois planos do ser: um fenomênico, sensível, e outro puramente inteligível, o mundo das *Ideias*. Constituído pela multiplicidade na unidade, as *Ideias* platônicas são, ao mesmo tempo, imanentes e transcendentais: elas são causa do sensível, transcendendo-o por essa mesma razão. O presente trabalho pretende compreender o mundo inteligível, que para Platão é a dimensão incorpórea e metaempírica do ser e que, usando uma expressão metafórica, ocupa um lugar acima do céu (*hiperurânio*), um lugar que não é um lugar no sentido físico, mas um lugar metafísico.

Palavras-chaves: Platão. Metafísica. Ideias.

Abstract: *Plato presents the first exploration and demonstration of the existence of a supra-sensible reality and transcendent in order to tackle the problem of generation and corruption and seek to be the true cause of things. It is the original design of a hierarchical structure of reality. Which he called "second navigation", with the use of dialectic recognizes the existence of two planes of being: a phenomenon, and other sensitive purely intelligible, the world of ideas. Consisting of multiple-unit, as the Platonic Ideas are both immanent and transcendent: they are sensitive question of transcending it by this same ratio. The present work aims at understanding the intelligible world, which for Plato is the dimension of being incorporeal and metaempirical and, using a metaphorical expression, occupies a place above the sky (Hyperouranos), a place that is not a place in the physical sense, but a meta-physical place.*

Key words: *Plato. Metaphysical. Ideas.*

1. INTRODUÇÃO

Narra-se que Sócrates viu em seus joelhos num sonho um filhote de cisne, cuja plumagem cresceu num instante, e que levantou voo para emitir um doce canto. No dia seguinte Platão lhe foi apresentado como discípulo, e imediatamente Sócrates disse que ele era a ave de seu sonho. (Diôgenes Laértios – Vidas e Doutrinas de Filósofos Ilustres)

¹ Esse artigo foi apresentado como atividade de avaliação em Unidade de Aprendizagem no curso de Filosofia da Unisul na modalidade a distância. A autora desse artigo formou-se no segundo semestre de 2011 no referido curso. Endereço de e-mail da autora <snake_ph@hotmail.com>.

O pensamento ocidental foi condicionado definitivamente pelas obras polivalentes e de caráter multifacetado de Platão, seja por meio do racionalismo de Sócrates, recebendo retoques do discípulo Aristóteles, ou, ainda, formatando o arcabouço teórico do cristianismo, penetrando na política, na moral, na economia ou na pedagogia contemporâneas.

A diversidade do pensamento platônico, que não pode ser desligada da conjuntura histórica, a Atenas do século IV a.C., gira em torno de três linhas básicas, a saber. A temática metafísica e gnosiológica, centro da especulação de todo o pensamento de Platão, dá-se com a retomada das investigações pré-socráticas. Essas investigações se davam num plano “horizontal”, isto é, a explicação filosófica do mundo físico que era feita por meio da busca de um princípio originário, como a água de Tales ou o ilimitado de Anaxímenes. Em Platão, elas passam para uma perspectiva “vertical” de busca de causas intemporais. Tem-se também a temática **religiosa** ou a chamada teologia platônica, por meio da qual foi possível pensar o divino pela categoria do imaterial, e que foi difundida pelo neoplatonismo e a temática **ético-político-educativa**, herdada de Sócrates, permeando as instituições sócias até os dias de hoje. Entender Platão não é estar restrito a uma dessas três vertentes de seu pensamento, tomando-as separadamente, mas entendê-lo de forma dinâmica e assim poder entender algumas de suas teorias.

Platão denominou de segunda navegação a passagem da investigação física dos pré-socráticos (a filosofia da *physis*) ao plano metafísico, propondo a existência de um mundo suprassensível. Esse mundo das *Ideias* é um dos vértices do pensamento platônico, ponto de referência no pensamento ocidental e considerado por muitos autores como a fundação e a etapa mais importante da história da metafísica, já que, segundo Chatelet (1994, p. 38), “o ponto de partida de toda a filosofia é o reconhecimento da necessidade de tal desvio por meio desse mundo estável, construído antiteticamente ao mundo das aparências”. É interessante notar como a figura platônica se faz presente como constante pano de fundo da reflexão filosófica ocidental, tanto na medida da aceitação de suas palavras e de ser condicionado de certa forma por seu pensamento, como de sua não aceitação. Mesmo nesse caso terá de argumentar a não aceitação e, dessa forma, continuará dialeticamente condicionado: novamente Platão!

Platão se mantém firme na convicção sobre a existência de dois diferentes planos do ser e sobre ela centrou sua mensagem filosófica. Em um falar por imagens, invoca uma expressão metafórica, um símbolo para indicar um lugar: o Hiperurânio, um lugar acima do céu (*ourános*), o lugar do inteligível. O céu é o visível, logo, o sensível; o Hiperurânio é o “supercéu”, o supervisível: o metafísico.

2. A PASSAGEM DA INVESTIGAÇÃO PARA O PLANO METAFÍSICO POR MEIO DO DIÁLOGO E DA TRADIÇÃO ORAL

Estabeleçamos [...] duas espécies de seres: uma visível, outra invisível. (PLATÃO-Fédon)

O platonismo, no curso de seu desenvolvimento, foi tornando nítidas as fronteiras entre o pensamento de Platão e de seu mestre Sócrates, avançando para além das concepções socráticas que havia inicialmente inspirado suas doutrinas. Muito embora as questões metafísicas permaneçam ligadas aos problemas de geração e corrupção do ser, por que as coisas nascem, por que se corrompem, por que são, no diálogo *Fédon*, em que são descritos os últimos instantes de Sócrates, esse fala para Cebes de uma nova linha de resolução desses problemas: o mundo das Ideias. É a concepção original de uma estrutura hierárquica do real: “a ‘*magna carta*’ da metafísica ocidental” (REALE 2007, p.49). Pela primeira vez na literatura ocidental, nesse diálogo, Platão apresenta a primeira exploração e demonstração da existência de uma realidade suprassensível e transcendente, com o intuito de tentar resolver o problema da geração e corrupção do ser e procurar a verdadeira causa.

Para dar conta dessa nova concepção, Platão recorre, não há um apanhado de escritos sistemáticos, mas sim há um jogo de perguntas e respostas: o diálogo filosófico. Segundo Goldschmidt (2002), o diálogo em Platão é a ilustração de um método que investiga e ao mesmo tempo se investiga. A escrita platônica rompe os compromissos com a memória e a substitui por um texto escrito ambíguo, feito para refletir e não recordar. Platão, para Schüler (1999, p.18), “substitui o imitador pelo fingidor”. Para atribuir ao diálogo à tarefa dialética ele usa dois recursos literários: o discurso e o mito. A revalorização do mito, que confere à obra uma temática místico-religiosa, fica evidenciada na maior parte dos diálogos e se configura, para muitos estudiosos, numa fé racionalizada.

Platão confiara ora a tarefa de transportar e elevar o espírito humano a âmbitos e esferas de visões superiores que a razão dialética, sozinha, tem dificuldades em alcançar, mas que pode conquistar mediatamente; ora, ao invés, Platão confia à força do mito a tarefa, no momento em que a razão alcançou seus limites extremos, de superar intuitivamente esses limites e de coroar e completar esse esforço da razão, elevando o espírito a uma visão ou, ao menos a uma tensão transcendente. (REALE, 2007, p.41)

Platão mostra que a filosofia se elabora no discurso em que os participantes expõem livremente suas opiniões, aguçando argumentos e que essa é a forma mais adequada para expor

a dialética, que só se dá no embate das opiniões contrárias, lição que, para Morente (1980), ele apreende em parte de Zenão de Eléia ou de Parmênides. A forma dialógica na qual são redigidos os diálogos platônicos tem sua matriz na forma de dialogar, na dimensão da oralidade de Sócrates, que é o protagonista, que assim passa de “pessoa” para “personagem”, ou seja, o Sócrates presente nos diálogos, na realidade, é Platão. Os vários diálogos contam com um ou vários interlocutores, fazendo uma transposição do plano histórico para o teórico e “examinando” a alma, pela prática do método irônico-maiêutico.

Tratava-se de buscar reproduzir no escrito o discurso “socrático” imitando sua peculiaridade, isto é, reproduzindo seu interrogar sem descanso, com todas as suspensões da dúvida, com os cortes imprevistos que impelem maieuticamente a encontrar a verdade sem nunca revelá-la inteiramente no sentido sistemático, mas solicitando a alma a encontrá-la, com as rupturas dramáticas que abrem estruturalmente perspectivas ulteriores de pesquisa: fazendo, enfim, uso de uma dinâmica especificamente socrática. (REALE, 2007, p.26)

A afirmação do mundo suprassensível, o mundo das Ideias, perpassa alguns dos diálogos platônicos, quando se apresenta o problema do conhecimento das Ideias e o problema de sua existência, mas Platão, no diálogo Fedro, deixa entrever que as coisas de maior valor, isto é, as verdades supremas da filosofia não deveriam ser confiadas à escritura, mas somente à oralidade dialética. Desde Aristóteles, muitos comentaram a obra platônica, em especial a Teoria das Ideias, um marco na metafísica. No século XX, a chamada Escola de Tübingen – Milão, cujo expoente, além de H. J. Krämer e Konrad Geiser, é Giovanni Reale, fez uma revolução científica, compreendida no sentido de T. S. Kuhn, na historiografia básica do platonismo, introduzindo um novo paradigma hermenêutico sobre a herança platônica, no momento que aceita, além das doutrinas escritas nos diálogos, as doutrinas não escritas, em que

o recurso à tradição indireta não só não diminui, mas amplia a grandeza e o valor dos diálogos, na medida em que lança luz sobre suas passagens obscuras a partir do núcleo da filosofia platônica, que se encontra na teoria dos princípios, formulada apenas no nível da oralidade. (PERINI, 2009, p. 122)

A *Carta VII* (342 a- 345 c) confirma a tese de que qualquer crescimento e alcance do conhecimento filosófico não podem ser expressos na forma discursiva escrita. Percebe-se no autor de belíssimos e profundos diálogos um paradoxo que perturba: uma desconfiança em relação à palavra escrita. Ele a advoga à oralidade: somente a palavra dita cara a cara é capaz de evocar a verdade. Por esse motivo, os diálogos platônicos são vistos, na sua maioria, como aporéticos, isto é, não apresentam solução. Falta-lhes a síntese. É uma dialética negativa. A grande síntese platônica acontece na doutrina esotérica, a dos iniciados, ficando para a exotérica, a doutrina que os principiantes discutem um jogo de opostos que nunca se unificam.

3. A SEGUNDA NAVEGAÇÃO

“... queres que te exponha, ó Cebes, a segunda navegação que empreendi para ir em busca dessa causa ?” (PLATÃO - Fédon)

O confronto com os pré-socráticos e a superação do pensamento anterior fica evidente no *Corpus Platonicum*. Demócrito havia usado o termo Ideia para indicar o átomo como matéria quantitativamente determinada, ao qual Platão vai se opor declaradamente, visto que o átomo-Ideia era um plano diferenciado, invisível aos olhos físicos e captado pela mente, mas ainda assim de caráter físico. Anaxágoras percorreu o mesmo caminho com as homeomerias, quando chamou as sementes de Ideias, que também não saíram da esfera física, muito embora a noção do Demiurgo platônico, como inteligência ordenadora do universo, seja-lhe tributária. Em Pitágoras, Platão foi buscar algumas instâncias sempre presentes de alguma forma na sua obra, como na sua síntese cosmo-ontológica final, em que escolheu como protagonista o pitagórico Timeu.

Durante certo período, a filosofia grega se deparou com a contenda entre Parmênides e Heráclito, ou seja, a aporia entre o ser *uno*, imóvel e eterno e as coisas múltiplas, variáveis e perecíveis, com a tentativa de explicar o sensível com o insensível. No diálogo Sofista, Platão vai dizer, segundo MORENTE (1980, p.84), que “Parmênides confunde aquilo que é com a unidade do que é isso”, ou seja, confunde a essência com a existência, confunde as condições formais do pensamento com as condições reais do ser. Partindo disso, segundo Reale (2002, p.226), Platão conclui que “a inteligência cósmica e os elementos físicos não são suficientes para ‘manter unidas’ as coisas: é preciso atingir outra dimensão que nos leve ao conhecimento da ‘verdadeira causa’, à qual a inteligência se conecte estruturalmente”. Quando se permanece no âmbito do sensível se cai em contradições insuperáveis. No diálogo que Sócrates tece com Teeteto, no diálogo homônimo, Platão reconhece que ficar no nível das sensações é ficar preso no relativismo dos sofistas, como Protágoras e sua máxima de que o “homem é e a medida de todas as coisas”, pois as sensações fornecem apenas evidências momentâneas, fugazes e individuais. Um conhecimento baseado em sensações é um conhecimento particular daquele que conhece.

Para resolver os problemas dos naturalistas, Platão substitui a primeira navegação feita com a vela ao vento dos físicos (os sentidos e as sensações), por uma navegação mais cansativa,

a “segunda navegação”, feita com remos (raciocínios e postulados), correspondendo a um novo método. Platão herda e conserva parte do formalismo dos eleáticos: a identificação entre o ser e o pensar (pensar como intuição intelectual) e a divisão entre dois mundos de Parmênides. O método dos naturalistas, baseado nas sensações, o qual torna obscuro o conhecimento, é substituído por um método fundado na razão, no *logos* e que reconhece a existência de dois planos do ser: um fenomênico, sensível, e outro puramente inteligível.

Mas como se deu essa segunda navegação? *A deuterós plous*, na linguagem marinhesca é a que se realiza, na ausência dos ventos, com os remos. Não mais com os ventos da *phýsis*, que não conseguiu explicar o sensível e ainda está prisioneira dos sentidos, mas sim com o impulso dado pelos remos do raciocínio puro e por aquilo que é apreendido pelo intelecto. É a descoberta da metafísica, isto é, a tentativa de resolver problemas como a geração, a corrupção e o ser das coisas por meio da descoberta de um novo tipo de “causa”, que consiste em realidades puramente inteligíveis. É o conhecimento da realidade primeira ou da realidade que verdadeiramente é (*ontos on*), ou seja, uma ontologia.

A segunda navegação possui duas fases: a teoria das *Ideias* e a doutrina dos Princípios. Na primeira fase, ao se descobrir a verdadeira causa”, as realidades inteligíveis, se é capaz de explicar o mundo físico, captado pelos sentidos. É a metábase do plano físico ao plano metafísico. Na segunda fase, segundo o mapa traçado no diálogo *Fédon* e pela tradição indireta, Platão alcança o plano dos Princípios (a chamada Protologia platônica), ou seja, o plano supremo, pelo qual a ontologia das *Ideias* pode adquirir unidade e completude, onde fica clara que a distinção entre o mundo físico e supra físico se dá pela articulação das esferas dos Princípios primeiros, das *Ideias*, depois a esfera dos seres matemáticos e, por último, a esfera das realidades sensíveis. É a concepção da estrutura hierárquica do real, onde aparece a uma dependência estrutural do plano inferior com o superior e uma dependência mediata de toda a estrutura.

4. O MUNDO DAS IDEIAS

Nenhum poeta jamais cantou nem cantará dignamente este lugar supra celeste [...] De fato o que ocupa esse lugar é a substância que existe realmente, privada de cor, sem figura e intangível que só pode ser contemplada pelo timoneiro da alma, pelo intelecto, constituindo o objeto próprio da verdadeira ciência. [...] E após ter contemplado, da mesma forma, as outras entidades reais e ter se saciado com isso, mergulha novamente no interior do céu e volta para casa [...]. (PLATÃO – Fedro)

Foi no diálogo *Eutífron* que a palavra *Ideia* (*eidos*) aparece pela primeira vez na acepção dada a ela por Platão. A palavra grega *eidos* significa forma ou modelo e pode-se dizer, segundo Morente (1980), que nesse sentido é um neologismo de Platão. Na linguagem grega anterior a ele, a palavra *Ideia* era usada para indicar a forma visível das coisas, isto é, o que é captado pelo sentido da visão, já que não se deve esquecer que a civilização grega é uma civilização da “visão” ao contrário, por exemplo, da hebraica em que o ouvir predomina. Assim, um termo que anteriormente significava ver um objeto é elevado à forma metafísica do ser, e quando Platão a ele se refere, está indicando uma forma interior ou uma essência das coisas de natureza puramente inteligível ou uma substância (*ousía*), no sentido de realidade das coisas. Reale (2007, p. 63), diz que

as coisas que captamos com os olhos são formas físicas; as coisas que captamos com o “olho da alma” são, ao contrário, formas não –físicas: o ver da inteligência capta formas inteligíveis que são exatamente, essências puras.(...)Com efeito para Platão há uma conexão entre a visão do olho da alma e o objeto em razão do qual tal visão existe. O ver intelectivo implica como sua razão de ser, o objeto visto intelectivo, ou seja, a Ideia.

Assim, a *Ideia* platônica, que significa visão, intuição intelectual, não existe na mente humana, como conceitos ou representações mentais, tais como se apresentam hodiernamente, ela é o verdadeiro ser, aquilo que o pensamento pensa quando fica livre das aparências dadas pelos sentidos. Uma bola, por exemplo, quando vemos ou tocamos pode ser de vidro, de metal, de borracha. Ela pode ser preta ou ser branca. Ela pode murchar, quebrar ou derreter com o tempo, mas a essência da bola permanece sempre a mesma. É única e é o modelo de todas as bolas.

As *Ideias* têm caráter absoluto, que se impõem ao sujeito e constituem realidades que não podem ser relativizadas por ele, ao contrário daqueles que são apreendidas pelos sentidos. Elas são realidades inteligíveis de natureza não física. A *Ideia*, universal, existe no âmago da coisa, que é singular. Sócrates, no *Fédon*, diz

e enfim, esses cinco ossinhos, de que maneira serão cinco? O quinto forma cinco, mas não é ele que é cinco; nem nenhum dos outros. O cinco está em todos e como que colocado acima deles, indivisível. O cinco não tem partes; o cinco não é uma coisa; o cinco não perece, não se transforma, não envelhece. O cinco é um pensamento. Mas dizer isso não basta; pois não é porque se pensa nele que o cinco é cinco. Ele era cinco antes, continua sendo cinco depois. Nos números, tem seu lugar eterno, e sua natureza que nada corrompe. É uma Ideia. (PLATÃO apud ALAIN, 1993, p. 20).

As *Ideias* platônicas ocupam um lugar supra celeste (Hiperurânio), um lugar acima do céu (*topos uranos*). O Hiperurânio é uma imagem que quer indicar um lugar que não é um lugar

físico e sim um lugar metafísico, ou seja, a dimensão do que não é sensível e que está acima dele: o suprassensível. As *Ideias*, ao ocuparem esse lugar, são dotadas de características que afirmam o seu estatuto metafísico: são sem cor, sem figura ou invisíveis e podem ser captadas apenas pelo *logos*, pela inteligência. Ao falar das *Ideias* como entes inteligíveis, está se dizendo que elas só são captáveis com a inteligência destacada dos sentidos e se localizam num âmbito de realidade acima do próprio sensível. A dimensão incorpórea, estreitamente ligada à inteligibilidade, foi usada por Platão, diferentemente da dimensão naturalística dos pré-socráticos, na qual indicava a ausência de forma determinada. Para ele, o incorpóreo transcende não só os corpos físicos, mas a própria fonte material desses corpos. O incorpóreo torna-se inteligível, um ser determinado que age como causa determinante.

As *Ideias* são puro ser. São o ser em si e em sentido pleno. É aqui que acontece a reconciliação entre Parmênides e Heráclito. A dimensão do ser de que falava o primeiro é a verdadeira causa e o devir de que falava o segundo é o causado. A distinção entre os dois planos do ser, o sensível e o inteligível, superava definitivamente o confronto: o *Panta Rei* heracliteano ficava restrito ao mundo sensível e a unidade e imobilidade eleática era propriedade do mundo inteligível. A condição para resolver as aporias eleatas não está mais na velha dialética estabelecida num plano físico, mas numa navegação que conduz a dialética no nível do mundo inteligível. Em oposição a duas formas de relativismo, a heracliteana, que proclamava o perene fluxo e a sofístico-protagoriana que reduzia toda a realidade ao valor do subjetivo, Platão propõe a objetividade absoluta das *Ideias*, por meio da sua imutabilidade e perseidade, no sentido de solidez e estabilidade.

A *Ideia* para Platão é o paradigma, o modelo exemplar ao qual as coisas que vemos ou tocamos se ajustam. Em alguns escritos, Platão afirma, segundo Reale (2004), que há entre o sensível e o inteligível uma relação de *mimesis* (imitação), na qual o sensível está sempre num contínuo vir-a-ser o modelo ideal, de *metaxis* (participação), pois o sensível para ser cognoscível deve ter parte na *Ideia*, de *koinomia* (comunhão), o sensível tangencia o inteligível, ou de *parousia* (presença), já que a causa está no causado. No *Banquete*, Platão vai dizer que a *Ideia* é por, para si, consigo, sempre imutável; e as outras coisas participam dela de tal forma que, aí onde nascem e morrem, não cresce, nem diminui, nem sofre nenhuma outra mudança. Os objetos que se apresentam múltiplos, concretos e perecíveis são cópias imperfeitas dos arquétipos ideais, ou modelos ideais. Mas essa relação entre o sensível e o inteligível não é imediata, é necessário um mediador. A *Ideia* é causa formal, mas não eficiente do mundo sensível. Segundo a cosmogonia do *Timeu*, a causa eficiente é a inteligência ordenadora, o artífice ou o demiurgo, que é um “plasmador” do mundo e não seu criador. É ele que opera

sobre o material sensível e o leva da desordem à ordem. Conduz o informe à forma, ou seja, a matéria sensível a acolher o inteligível. O demiurgo opera a “mistura”, da qual as coisas nascem por obra da causa: as Ideias. Pensar a Ideia como um paradigma epistemológico é enxergar a opinião (doxa), que se divide em imaginação e crença, como parte da realidade aparente do mundo sensível, enquanto a ciência (episteme), que se divide em dianoia (conhecimento discursivo) e noésis (conhecimento intuitivo) fazem parte do mundo inteligível. É preciso, por exemplo, saber o que é a “saúde” para poder dizer que algo é “saudável”.

5. A “UNIDADE” DAS IDEIAS PLATÔNICAS

E sobre o Justo e o Injusto, sobre o Bem e sobre o Mal, e sobre todas as outras Ideias deve-se dizer o mesmo, isto é, que cada uma delas é una; mas como aparecem sempre em toda a parte em comunhão com ações, corpos e outras Ideias, cada uma aparece múltipla. (PLATÃO - A República)

Logo, o um que é, penso, é tanto um e múltiplas coisas, quanto todo e partes, quanto limitado e ilimitado em quantidade (PLATÃO – Parmênides)

O *um* platônico, diferente do de Parmênides, não exclui a multiplicidade, ele não existe sem os muitos. O não ser, como negação absoluta do ser, não existe. O que existe é o não ser como alteridade, como diversidade. O mundo das *Ideias* é constituído pela multiplicidade. Para Abbagnano (2003), a *Ideia* em Platão tem caráter privilegiado em relação à multiplicidade, pelo que é considerada a essência do que é múltiplo, ou o modelo desse: ela é a unidade visível na multiplicidade. Deve se dar particular atenção a fato que

cada Ideia é uma “unidade” e, como tal, explica as coisas sensíveis que dela participam, constituindo desse modo uma multiplicidade uni-ficada. E, justamente por isso, o verdadeiro conhecimento consiste em saber uni-ficar a multiplicidade numa visão sinótica, que reúna a multiplicidade sensível na unidade da Ideia da qual depende. (REALE, 2004, p.136).

As *Ideias* não são a explicação última. A multiplicidade do sensível encontra apoio na nas *Ideias* inteligíveis, mas a multiplicidade inteligível não se resolve por si só. Aparece a necessidade de outro nível de fundamentação metafísica, isto é, a multiplicidade das *Ideias* depende de uma esfera ulterior, de uma esfera primeira e suprema em sentido absoluto. Platão chamou essa esfera de primeiros Princípios ou Protologia. Esses princípios são o Uno e a Díade indefinida, dos quais procedem as *Ideias* e a explicação da totalidade das coisas que são.

Entre as muitas interpretações da dialética platônica uma delas manifesta-se por meio do procedimento cognitivo capaz de recolher (procedimento sinótico), os muitos no *uno* e ao mesmo tempo decompor (procedimento diairético), o uno em muitos. O verdadeiro conhecimento está na capacidade de unificar a multiplicidade numa visão sinótica, que reuniria toda a multiplicidade sensível na unidade da *Ideia*. A dialética tem suas origens no pensamento eleático de Zenão, mas alcança notoriedade, linearidade e essencialidade em Platão, já que aparece como método e instrumento para a passagem da pluralidade contraditória das opiniões para a unidade da *Ideia*, ou seja, ela é, conforme Reale (2007, p.306), “o procedimento cognoscitivo capaz de recolher sinoticamente os muitos no *uno* e, paralelamente, de decompor o *uno* em muitos, por meio de uma gradação diairética.” A diaírese é na dialética descendente o método de divisão em gêneros e espécies para chegar à *Ideia*. De forma ascendente, do sensível ao inteligível ou descendente, a dialética aparece como um método, que por meio de uma sucessão de discursos, de determinação do indeterminado, separando e unindo qualidades, acaba explicando o mundo. Ela é o diálogo como método para separar, distinguir e escolher os elementos que constituem a essência, a *Ideia*:

ESTRANGEIRO- (...) não haverá necessidade de uma ciência que nos oriente através do discurso se quisermos apontar com exatidão quais os gêneros que são mutuamente concordes e quais os outros que não podem suportar-se (...)?

TEETETO- Certamente é necessária tal ciência que é talvez, a suprema ciência?

ESTRANGEIRO- Que nome então daríamos a essa ciência, Teeteto? (...) Não estaremos, sem o sabermos, dirigindo-nos para a ciência dos homens livres e correndo o risco, nós que procuramos o sofista, de haver, antes de encontrá-lo, descoberto o filósofo?

ESTRANGEIRO- (...) não é essa, como diríamos a obra da ciência dialética? (PLATÃO, 1991, p.176)

A dialética é para Platão a marcha do pensamento, que parte de hipóteses, para num primeiro momento, na dialética ascendente, inspirado que foi pela geometria, deixar de lado a natureza do sensível, para na etapa final de seu pensamento ocupar-se da dialética descendente, que vincula o inteligível ao sensível. Ela é arte das sínteses e das divisões que possibilita passar do múltiplo ao *uno* e do *uno* ao múltiplo, purificando a essência para que possa ser intuída na dialética ascendente e definida na dialética descendente. Para Chauí (2002, p. 285), por “superar a desordem e conflito, ordenando por separação e reunião, distinguindo o verdadeiro e o falso, a dialética é uma *therapéia*, uma terapia da lama contra o veneno e a máscara do *phármakon* retórico.”

Os homens comuns ficam limitados ao sensível, agarram-se ao múltiplo, repelindo a unidade: caminham errantes na multiplicidade e não são filósofos. O filósofo, por sua vez, é aquele que sabe ver o conjunto e captar a multiplicidade na unidade: “os filósofos são aqueles capazes de atingir aquilo que se mantém sempre do mesmo modo, e que aqueles que não o são, mas se perdem no que é múltiplo e variável, não são filósofos, (...)” (PLATÃO, 484a-d) O filósofo seria o “dialético”, aquele que é capaz de olhar a realidade sinoticamente, isto é, de ver o todo, de acolher a pluralidade na unidade e ver os muitos que existem no *uno*.

6. UMA EXPLICAÇÃO DO MUNDO POR MEIO DA IDEIA PLATÔNICA

É também preciso admitir que, homônimos e semelhantes a essa realidade há uma outra sensível, que nasce e continuamente se move, que se origina num lugar e dali mesmo desaparece. Ela é apreendida pela opinião acompanhada de sensação. (PLATÃO- Timeu)

Para Platão, o mundo dos sentidos é o mundo habitado pelos homens e composto por formas imperfeitas que funcionam como sombras da realidade perfeita. As coisas que compõem esse mundo são mutáveis e não são eternas, pois são feitas de matéria: são objetos físicos que funcionam como cópias das *Ideias*, essas, por sua vez perfeitas, imutáveis e eternas. No Livro VII da República tal representação toma a forma por meio do Mito ou Alegoria da Caverna: a caverna escura é o mundo, onde reina a opinião, os escravos sob correntes são os homens, as correntes são a ignorância imposta pelas imagens no fundo da caverna, que são as percepções sensoriais e o mundo fora da caverna é o mundo das *Ideias*. Tudo, sem exceção nesse mundo, é uma cópia efêmera de algo cuja forma ideal tem uma existência permanente fora do espaço e do tempo. O mundo do espaço e do tempo é aquele que o aparelho sensorial humano pode apreender ao contrário do outro, cuja realidade é atemporal e imutável, mas é a esse último que se deve chamar realidade real, pois só ele é estável e não está sempre a se transformar em outra coisa. Se o homem permanece dominado pelos sentidos, ele fica restrito ao conhecimento imperfeito do mundo dos fenômenos, das coisas que estão em permanente fluxo e são meras aparências. Para Platão, segundo Morente (1980, p.91), “as *Ideias* são realidades que existem, as únicas realidades que existem, as únicas existentes, visto que as coisas que vemos ou tocamos são sombras efêmeras, são aquilo que são indiretamente ou por metaxis ou participação com as *Ideias*.”

As *Ideias* platônicas, quando explicam a realidade, tornam-se, ao mesmo tempo, imanentes e transcendentas. O aspecto imanente da *Ideia* aparece no momento em que ela é descrita como o que permanece idêntico nas coisas, o que fixa as coisas na sua natureza e as torna inteligíveis. Ela é transcendente, pois representa uma dimensão diferente da realidade, um plano diverso e superior. Dessa forma, ela é a causa do sensível transcendendo-o e por essa mesma razão, como causa verdadeira e como o que permanece idêntico nas coisas, é imanente. A existência de dois planos não proclama uma separação entre o mundo inteligível e o mundo sensível, como parece supor o alardeado “dualismo” platônico, mas sim descobre que o mundo inteligível é a dimensão incorpórea e metaempírica do ser e que, usando uma expressão metafórica, ocupa um lugar acima do céu (*hiperurânio*), um lugar que não é no sentido físico, mas um lugar metafísico. O dualismo platônico, segundo Reale (2007, p.78), “não é senão dualismo de quem admite a existência de uma causa suprassensível, como razão de ser do próprio sensível, convencido de que o sensível, por causa de sua autocontrariedade, não pode possuir uma razão de ser total de si mesmo.”

Ao explicar o mundo, a teoria das *Ideias* de Platão, liberta o homem dos simulacros da realidade. Ela é uma ontologia, uma epistemologia, uma ética, uma política e uma pedagogia, pois, segundo Chauí (2004, p.290), “garante a inteligibilidade do mundo, a verdade das coisas e do conhecimento, a perfeição ou justeza das ações morais, políticas e técnicas”. Seu estatuto lógico fica evidente quando se tem a distinção entre objetos particulares e as palavras gerais com que os designamos. A palavra cavalo pode ser usada para qualquer cavalo, seja ele branco, preto ou alazão. O significado da palavra cavalo independe de um cavalo particular, ele é eterno. A *Ideia* é assim um conceito que nos permite formular juízos verdadeiros. Pelo lado metafísico ou ontológico, significa que em algum lugar existe um cavalo ideal, um cavalo único, imutável eterno e é a isso que se refere à palavra geral “cavalo”, pois como já foi dito anteriormente, a *Ideia* é a forma entendida como essência e que só pode ser alcançada pelo pensamento. Dito de outra forma: um cavalo só é cavalo na medida em que participa da ideia de “cavalo em si”, a essência que lhe serve de modelo, ou seja, o mundo sensível, neste caso, o cavalo, que pode ser visto e tocado, é dessa ou daquela cor, muda, envelhece e morre, só existe enquanto participa do mundo das *Ideias*, onde sua essência permanece sempre a mesma, fora do tempo e do espaço.

7. CONCLUSÃO

De acordo com minha opinião, é preciso distinguir antes de tudo, as coisas seguintes: o que é o que sempre é, e não tem geração; e o que é que se gera e nunca é. (PLATÃO-Timeu)

E a uns (os objetos), dizemos que se vêem mas não se pensam; ao contrário, as idéias(sic) pensam-se e não se vêem(sic).(PLATÃO-A República)

Já foi dito por alguém que a tradição filosófica ocidental consiste num conjunto de notas de pé de página da obra de Platão e muito embora não se possa afirmar categoricamente que toda a filosofia seja platônica, pode-se afirmar, sem medo de errar, que a história da interpretação da Teoria das *Ideias* cobriu grande parte da tradição ocidental. Muito embora as *Ideias* não constituam o vértice metafísico do pensamento de Platão, pois acima delas existem os Princípios primeiros das quais derivam, elas representam a figura especulativa de maior sucesso da obra do filósofo. Essa teoria lançou sobre a realidade um novo olhar, feito com os olhos do espírito e da alma e proporcionou interpretá-la com um novo método, a dialética, e em uma nova dimensão, o suprasensível. O método dos pré-socráticos obscurecia o conhecimento, tendo como fundamento os sentidos e não percebia que “o sensível só se explica com a dimensão suprasensível, o corruptível com o ser incorruptível, o móvel com o imóvel, o relativo com o Absoluto, o múltiplo com o uno.” (REALE, 2004, p.145) Platão diz que o novo método deve se fundar no *logos* e por meio dele alcançar a verdade das coisas, a descoberta da causa verdadeira. Com a dialética e seus procedimentos sinóticos e diairéticos, expressão máxima do pensamento, há a condução à explicação metafísica da realidade em todos os seus aspectos. A *Ideia* é causa eficiente (produtora), que cria e produz outras realidades, mas é também causa final, pois a *Ideia* é desejada como uma finalidade, uma aspiração do homem à verdade, e que só pode ser alcançada numa atitude de conversão, uma conversão da consciência à luz da Alegoria da Caverna ou do Banquete, uma ascese ao mundo das *Ideias*, ou seja,

(...) “converter-se” consiste em voltar-se das puras aparências para a Verdade. Ou em desligar-se das coisas que prendem à dimensão do sensível e voltar-se para o suprasensível. Em outras palavras, “converter-se” nada mais é que saber separa-se daquela multiplicidade desordenada das coisas em que vagam aqueles que não são filósofos, para mirar a Verdade. (REALE, 2002, p.250)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ALAIN. **Ideias**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à História da Filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CHATELET, François. **Uma História da Razão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

GOLDSCHMIDT, Victor. **Os Diálogos de Platão: estrutura e método dialético**. São Paulo: Edição Loyola, 2002.

LAÊRTIOS, Diôgenes. **Vida e Doutrina dos Filósofos Ilustres**. Brasília: UNB, 2008.

MORENTE, Manuel Garcia. **Fundamentos de Filosofia: lições preliminares**. São Paulo: Mestre Jou, 1980.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates- Banquete**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

_____ **Carta VII**. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2008.

_____ **Fedro**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

_____ **O Banquete-Fedon-Sofista-Político**. São Paulo: Nova Cultural (Coleção Pensadores), 1991.

_____ **Parmênides**. São Paulo: Loyola, 2008.

_____ **República**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

_____ **Teeteto**. Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/teeteto.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2011.

_____ **Timeu-Crítias - O segundo Alcibíades-Hípias Menor**. Belém: EDUFPA, 2001.

PERINI, Marcelo. A Metafísica em Platão. In: **Os Gregos e Nós**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2009.

REALE, Giovanni. **O Saber dos Antigos**. São Paulo: Loyola, 2002.

_____ **Para uma Nova Interpretação de Platão**. São Paulo: Loyola, 2004.

_____ **Platão**. São Paulo: Loyola, 2007.

REALE, Giovanni, Dario Antiseri. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. São Paulo: Paulus (Coleção Filosofia), 1990. (Volume I)

SCHÜLER, Donaldo. **Eros: Dialética e retórica**. São Paulo: EDUSP, 1992.